

ARTIGO

INDUSTRIALIZAÇÃO, MIGRAÇÃO E REFLEXOS DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DA SERRA, ESPÍRITO SANTO

Madson Gonçalves da Silva

Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Especialista em Educação em Direitos Humanos – CESAP, Pesquisador do Laboratório de Estudo dos Movimentos Migratórios – LEMM-UFES, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo – IHGES e Oficial Combatente da Polícia Militar do Espírito Santo – PMES.

Resumo

O presente estudo discute a migração, industrialização e urbanização no município da Serra, integrante da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, a partir de 1960, e de como esses processos interagiram reverberando em outros como desigualdade socioespacial e violência, principalmente manifestada pelo homicídio.

Palavras-chave: Serra, Migração, Industrialização, Desigualdade Socioespacial, Homicídio.

Abstract

This present study discusses the migration, industrialization and urbanization in the city of Serra, integrant of the Região Metropolitana da Grande Vitória of the Espírito Santo, from the decade 1960, and how these processes interacted reverberating in others, like socio-spatial inequality and violence, principally expressed by the homicide.

Key-words: Serra, Migration, Industrialization, Socio-spatial Inequality, Homicide

Introdução

O Brasil vivenciou, principalmente, a partir da década de 1950, um intenso processo de industrialização e urbanização. Embora esse processo tivesse se iniciado no Rio de Janeiro e São Paulo, poucos anos depois, se espalhou por outras regiões metropolitanas em todo país. Aliada à industrialização e urbanização ocorreu, também, uma intensificação da mobilidade humana. Tais deslocamentos, como parte da tradição do brasileiro (BRITO, 2002, p. 19), nem sempre contaram com cenário favorável, mas nunca deixaram de acontecer.

Esses três processos: industrialização, urbanização e migração, trabalharam fortemente para constituição de um cotidiano citadino que temos atualmente. Nesse sentido, voltando-se para o século passado, verifica-se que, nos anos de 1920, o país contava 27.500 milhões de habitantes e, apenas, 74 cidades com mais de 20 mil habitantes, concentravam 17% do total da popu-

lação. Em 1940, 31,2% da população, residiam nas áreas urbanas; em 1970, 55,9%; em 2000, 81,2% (BRITO; HORTA; AMARAL, 2002).

Nota-se, ainda, que em 2010, 84,4% da população do Brasil (190.755.799 habitantes) habitavam em áreas urbanas. Uma concentração que apresenta um cenário com grandes semelhanças, mas que destacaremos duas: o Sudeste, que conta com 92,9% de seus moradores nas áreas urbanas – sendo que os 7,1% que residem na área rural representam 19% do total do país; e o Nordeste, com taxa de 73% de urbanização, concentrando 48% de toda população da área rural do Brasil (IBGE, 2010), conforme se verifica no Gráfico 1.

Nesse processo de crescimento populacional e de urbanização, configuram-se, os anos de 1960-80, como auge do ciclo de expansão das migrações no Brasil. Há de se ressaltar, entretanto, que a centralidade da mobilidade humana esta-

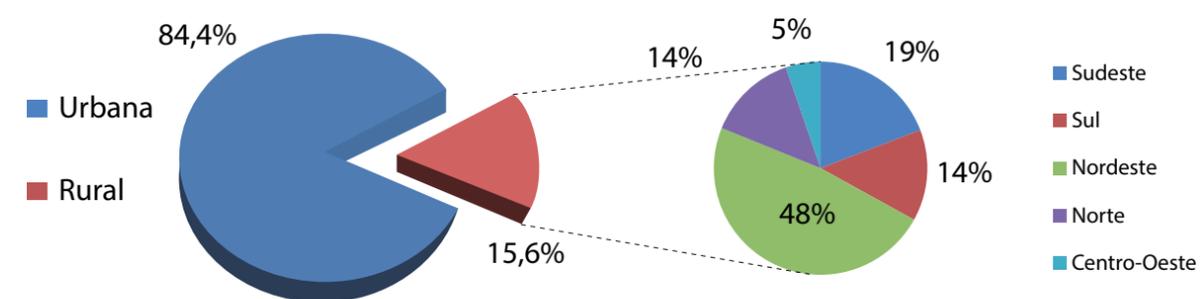


GRÁFICO 1 – População urbana e rural do Brasil por situação de domicílio e distribuição da população rural por Região. Fonte: IBGE, 2010.

belecida no país tem como base os movimentos inter e intrarregionais e se concentrou, até o final de 1970, principalmente, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Tal fenômeno promoveu repercussões nas dimensões econômicas, sociais, culturais, demográficas, políticas e espaciais no país, maiormente nas regiões de origem e de destino dos migrantes (BAENINGER, 2002).

No Espírito Santo, a experiência migratória associada ao crescimento urbano e à industrialização acompanhou o processo nacional. Contudo, em escala e ordenamento bastante peculiar ao verificado em São Paulo e Rio de Janeiro, se comparado aos estados do Sudeste. Dessa maneira, a dinâmica de modernização e urbanização, iniciada nos anos 70, promoveu, no Estado, reflexos socioeconômicos, culturais e espaciais aprofundados por grande desigualdade em termos de desenvolvimento industrial, socioespacial e populacional.

A política de modernização e de desenvolvimento industrial do Estado tem início, nos anos de 1960¹, após intensa transformação socioeco-

nômica agenciada pelas diretrizes da política de erradicação dos cafezais. Segundo levantamentos da Secretaria de Planejamento do Governo do Estado do Espírito Santo (1979), a erradicação provocou o êxodo, de uma única vez, de 150 mil pessoas. Esse processo modificou os rumos da estrutura econômica do Espírito Santo que se direcionou ao padrão industrial internacional com a instalação de plantas industriais – então denominadas “grandes projetos industriais” – na região da Grande Vitória.

erradicação dos cafezais antieconômicos. A erradicação do café no Espírito Santo, onde a economia foi mais afetada por essa política, foi responsável pela destruição de cerca de 1,38 bilhões de pés entre 1962 e 1967. Essa política, por um lado, desestabilizou a principal atividade e fonte de recursos do estado; por outro promoveu uma contundente injeção de recursos antes imobilizados na economia, decorrentes das indenizações concedidas por cova de café erradicada. Contudo, produziu-se uma grande crise social decorrente da supressão de postos de trabalho no campo gerada pelo êxodo rural. Entretanto, Fortunato (2011) ressalta que o aporte de recursos provenientes das indenizações promoveu grande liquidez à economia capixaba e são esses recursos, aliados ao excedente de mão de obra recém-chegada do campo, os pilares da nova iniciativa de industrialização que se observa no Espírito Santo na década de 1960.

¹ O Governo Federal do Brasil adotou em 1962 o plano de

O impacto da implantação dessas plantas foi de uma intensidade tão profunda que a alteração econômica realizada – seja por meio de processos de substituição de importações ou da diversificação de exportações, seja com a introdução dos grandes projetos de impacto – concentrou o crescimento urbano majoritariamente na Região Metropolitana da Grande Vitória (RM-GV)², composta pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha, Vitória, e configurando, a partir de então, uma mudança estrutural no estado. Nota-se que, no período de 1970-1977, o crescimento do setor agrícola no Espírito Santo foi, tão somente, de 1,6%, e, no Brasil, 5,8%; por outro lado, a indústria apresentou aumento de 22% – no Brasil foi de 11,7% – e o setor de serviços teve uma ampliação de 14,9% (FORTUNATO, 2012).

Fortunato (2012), no entanto, destaca que esse modelo de industrialização, consubstanciado na indústria de transformação altamente especializada e voltada para o mercado externo, absorveu pouca mão de obra. Tal observação tem como base o fato de a participação do setor na geração de empregos ter decaído de 13,60% para 11,35%, em 1977. Nada obstante ao aumento da renda interna ter passado de 18,25% , em 1970, para 27,24%, em 1976.

De acordo com o que se pode visualizar, a maior concentração de investimentos ainda é na Região Metropolitana, em especial, em Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica. Os efeitos dessa

concentração são significativos e se imbricam nas várias dimensões socioculturais, econômicas, espaciais, políticas, especialmente ao se considerar que estes investimentos são fontes de atração de migrantes.

O município da Serra na história do Espírito Santo

A Serra integra a Região Metropolitana da Grande Vitória, e seu crescimento se deu em um contexto local e global, acompanhando todos os processos ocorridos em escala nacional. Sua história tem início com a fundação da Aldeia de Nossa Senhora da Conceição da Serra, em 1562, com apoio do padre Fabiano de Lucena, sendo, elevada à categoria de Distrito e Paróquia, em 1752, e de Freguesia, em 1769, após a construção da Igreja Matriz. Serra foi elevada à categoria de Vila, em 1822, sendo chamada de Vila da Serra, e desmembrada da capital Vitória, em 1833, criando sua própria sede, tornando-se cidade posteriormente, em 1875.

Quanto à economia³, baseou-se, principalmente, na cana-de-açúcar, café e mandioca. Seguindo o que era produzido no estado. A partir de 1950, apresentou uma expressiva produção de abacaxi (BORGES, 2009, p. 259). Sua produção, ao longo do século XIX, era escoada pelo Porto do Uma, situado em São José de Queimado. Os produtos eram transportados em canoas pelo rio Santa Maria da Vitória⁴, que servia como meio de

3 Borges ainda menciona pequena produção de cereais e extração de madeiras de lei. Segundo este autor, havia também “indícios” de uma indústria rudimentar, que produzia farinha de mandioca e aguardente.

4 Vale ressaltar parte do relato de Therese Charlott-

2 A RM-GV foi instituída por meio da Lei complementar nº 204, de 21 de Junho de 2001. Até então a Grande Vitória agregava apenas os municípios de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória, capital do Espírito Santo.

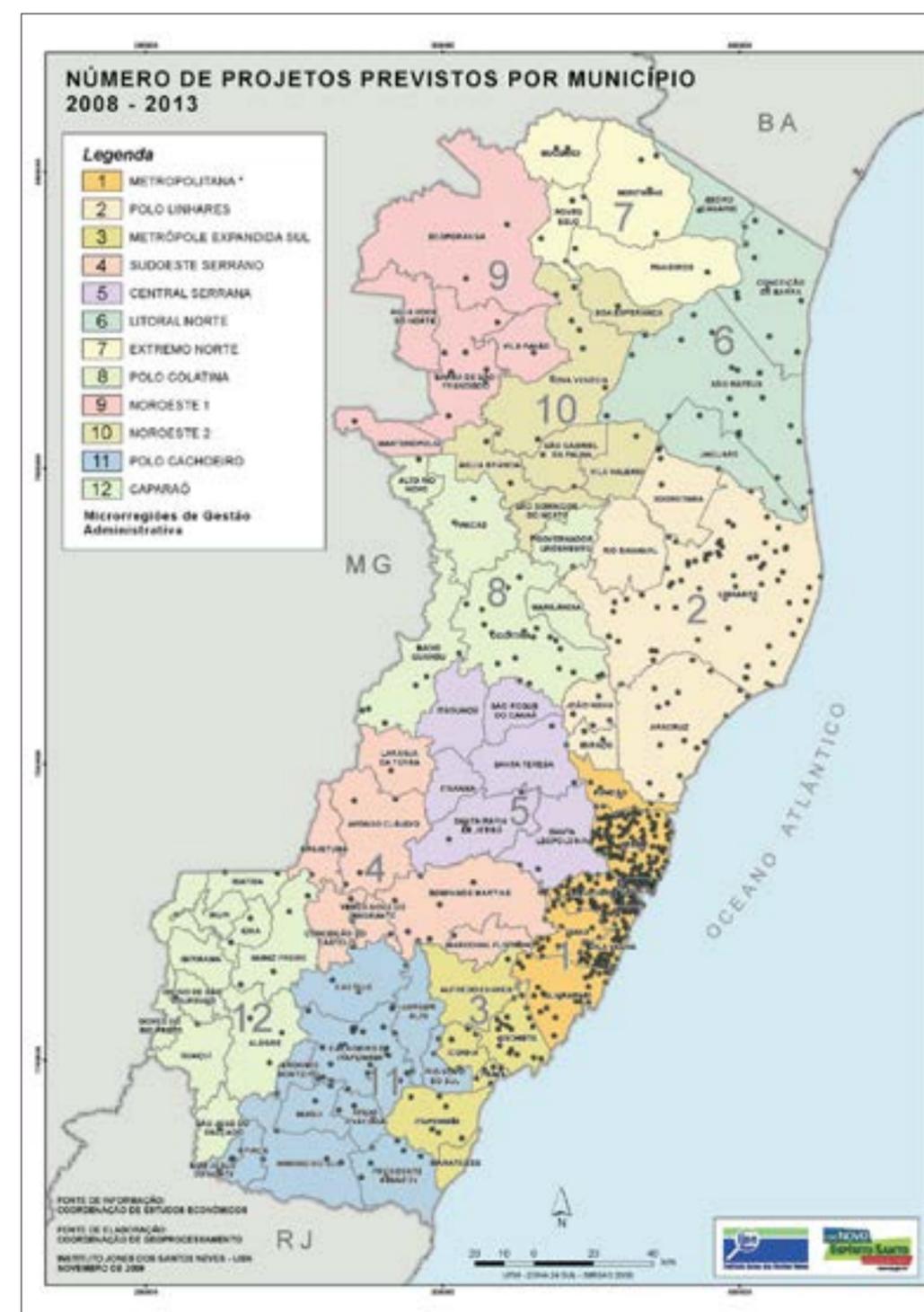


FIGURA 1— Investimentos Previstos por Município - Espírito Santo: 2008-2013
Fonte: IJSN, 2010.

integração entre Serra, Vitória e Norte do estado. O pequeno porto não apenas escoava a produção do município, mas também importava o que era necessário para localidade (BORGES, 2009, p. 23.).

Os avanços de infraestrutura proporcionaram mudanças ao município. A construção das Estradas de Ferro suplantaram, de certa maneira, a pequena produção que era escoada pelo rio Santa Maria. Borges (2009, p. 24), aponta um decréscimo populacional nesse período (final do século XIX e início do século XX), ocasionado, principalmente, pelo êxodo rural, direcionando sua pequena população às proximidades da capital Vitória. Já Oliveira (2008) apresenta em sua obra pouca alteração, já que seus dados apontam para um crescimento populacional⁵ gradativo no município serrano, nesse mesmo período.

Quando se trata do município da Serra, a partir de 1960, faz-se necessário contextualizar a produção social da “cidade”. Sendo, portanto, a cidade, o lugar de oportunidades, é o lugar de acesso. A Serra compõe essa “cidade” em expansão que excede os limites geográficos da Região

Metropolitana da Grande Vitória. Sendo essa “cidade”, imaginada e ao mesmo tempo real, na medida em que se materializa e agrega diferentes realidades sociais e políticas em um mesmo espaço.

É, a partir de 1960, que se veem alterações muito significativas para o presente estudo. Pode-se apontar a construção de diversas indústrias ao redor da capital Vitória, que são assentadas, principalmente, no município da Serra, e na população que se segue, fazendo sentir o crescente deslocamento populacional e a intensa urbanização. Segundo Campos Jr. (2009, p. 70), é nesse contexto que

emergem não apenas novas formas espaciais como também novos conteúdos do processo de urbanização da metrópole da Grande Vitória. A dinâmica do espaço urbano torna-se mais complexa na medida em que se desenvolve uma diversidade de formas de produção e de apropriação da cidade, o que não ocorre sem conflitos e contradições sociais.

Dessa maneira, é possível observar que, por um lado, a Serra foi o lugar escolhido para estabelecimento de indústrias, a partir dos “Grandes projetos industriais”; e por outro lado, recebe um fluxo intenso de migrantes com baixa renda, que vão se assentando no município. Lefebvre (2008) considera que na produção social da cidade as contradições são ampliadas, decorrente da urbanização contemporânea relacionada às diferentes dimensões de uma realidade constituída socialmente.

Nesse sentido, verifica-se o crescimento, a partir de um epicentro, que aponta para a ca-

pital. Se até os anos de 1960, a urbanização, segundo Buffon (1992), era fraca, centrada principalmente em Vitória, devido à sua importância política e administrativa, a partir desse período ela se estende pelos municípios circunvizinhos, tecendo a “cidade metropolitana”. Relacionada a essa urbanização, a industrialização, conforme aponta Siqueira (2001, p. 93),

veio a redefinir o espaço urbano na medida em que, somando-se ao papel de sede da burocracia e do capital comercial, a cidade também se constituiu no “lôcus” da atividade produtiva. A Grande Vitória, como espaço metropolitano, além do centro político e do porto, sempre abrigou também as principais atividades regionais de caráter industrial, comercial, de serviços públicos, privados, culturais e financeiros (...),

e o município da Serra, irreversivelmente, integrou-se ao processo de metropolização.

O município, bem como regiões próximas, recebeu indústrias oriundas dos grandes projetos de impacto. Tanto a Companhia Siderúrgica de Tubarão, quanto a Companhia Vale do Rio Doce, bem como estabelecimento de outras infraestruturas, como o Porto de Tubarão e Porto de Praia Mole⁶, fizeram parte desses grandes projetos. Soma-se a esses, a construção da BR 101 e da ES 010, que propiciaram maior facilidade no acesso e integração da Serra com a Região Metropolitana.

O processo de industrialização foi consistente e reverberou em outros processos que

⁶ A Vale e os portos situam-se na parte norte da cidade de Vitória, que impactou significativamente o município serrano.

te Marianne Auguste Von Bayern, a princesa da Baviera, que viajou pelo Espírito Santo entre os meses de Agosto e Setembro de 1888. Ela relata que “Esse rio [Santa Maria], deve ter um comprimento de pouco mais de 100 km, é navegável ao longo de 54 km também por canoas e vapores pequenos. (...) De tempos em tempos, uma piroga igual à nossa vinha navegando silenciosamente rio abaixo. Era ocupada ou com mulheres de cor escura e crianças ou com fazendeiros que transportavam sacos de café até a costa.” (BAVIERA, 2013, p. 46-47).

⁵ Na Comarca dos Reis Magos, Oliveira (2008, p. 385) nos dá o quantitativo de 5609 habitantes, entre livres e escravos, nos “municípios de Serra e Nova Almeida”, no ano de 1871. Já Borges (2008) indica uma população composta por 11.032 habitantes em 1872. Disponível em: < <http://www.clerioborges.com.br/serra.html>>. Acesso em 23 fev. 2015.

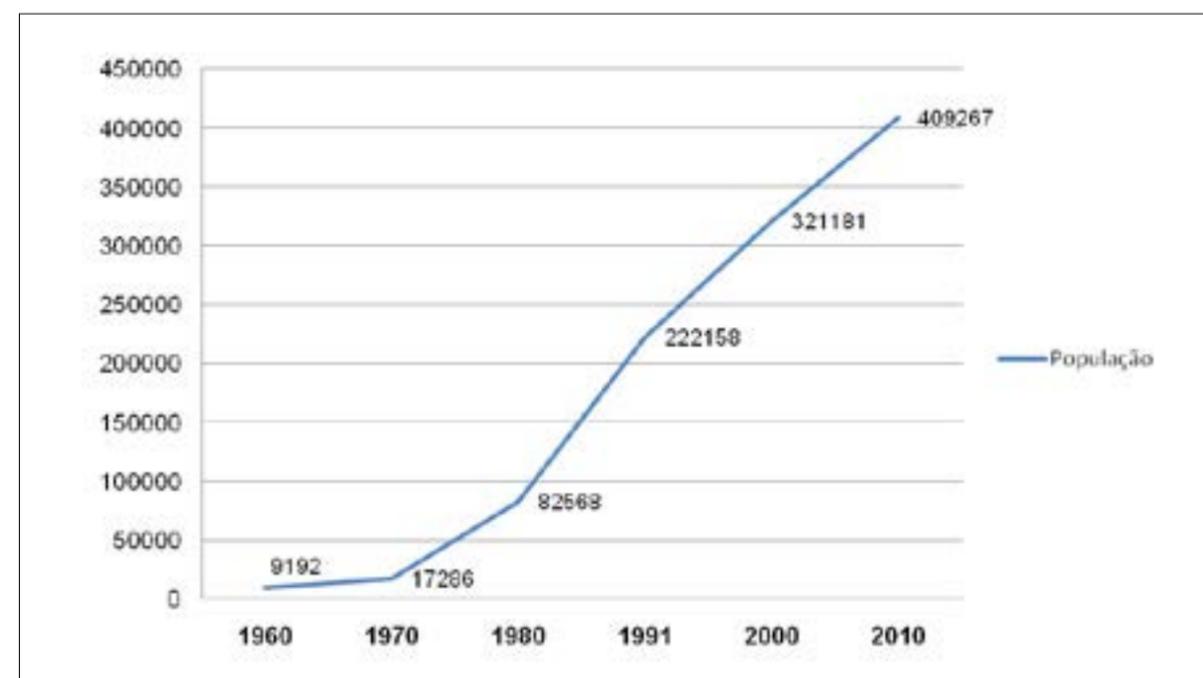


GRÁFICO 2 – Crescimento populacional do município da Serra de 1960 a 2010. Fonte: IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010.

se relacionam diretamente a ele. Se até 1960 o Município da Serra contava com 9.192 habitantes, nas décadas que se seguiram foi possível observar expressiva alteração, conforme Gráfico 2. Nele, verifica-se um *boom* populacional, principalmente, a partir do final da década de 1970 até 2010. Analisando o número de habitantes nas décadas anteriores, verifica-se pequena alteração, do início do século XX, até meados de 1960. Com tal crescimento, desconsiderando taxas migratórias, que se comparados ao recorte da pesquisa, são pequenos, tem-se, cerca de 40%, de aumento populacional. Já no período 1970-2010, o aumento é de mais de 2100%.

Assim, comparando os dois períodos, pode-se inferir que, cerca de 95% do crescimento populacional, no período compreendido entre 1960 e 2010 foi decorrente de fluxos migratórios⁷. Essa população, dentro de uma dinâmica de apropriação urbana vai se assentar nas áreas periféricas. Campos Jr. (2009, p. 72) observa que nas áreas periféricas do município da Serra é o lugar onde

a população migrante com menos recursos encontrou condições de se reproduzir, seja a partir de ocupações de áreas ambientalmente frágeis, de conjuntos habitacionais (financiados pelo antigo BNH) ou de loteamentos populares distantes das áreas mais bem servidas de infraestrutura.

7 Castiglioni (1989, 1994) respalda tal posicionamento afirmando que o crescimento populacional nesse período, principalmente nos anos 1970 e 1980 foi decorrente de intenso fluxo migratório.

O mesmo autor assegura que a oferta de moradia na Serra⁸ adequou-se ao acelerado crescimento populacional, sendo que, entre os anos 1970 e 1990, o município foi o que mais ofertou moradias voltadas à população com pequenos ganhos. Segundo dados da Companhia Habitacional do Espírito Santo (COHAB-ES) e do Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais no Espírito Santo (INOCOOP-ES), o Banco Nacional de Habitação (BNH) financiou mais de 28 mil unidades habitacionais na Serra, sendo que, no período, o total de financiamento foi de pouco mais de 52 mil conjuntos⁹. Pontua-se, assim, que mais de 50% concentrou-se no município serrano.

Vale ressaltar que não apenas conjuntos habitacionais foram estabelecidos na Serra; há também os loteamentos, regulares ou não, e invasões. Abe (1999, p. 384) observa que o crescimento urbano foi grande, não se limitando ao entorno das vias¹⁰ que cortavam a cidade, mas também ocupações em lugares desfavoráveis, como encostas e fundo de vales, orla de lagoas e loteamentos não ocupados.

Vê-se, nesse percurso, a associação da “ilusão migratória” - produzida pelo desenvolvimento industrial, servindo de atrativo para os

8 Ressalta-se a construção do Centro Industrial da Grande Vitória (CIVIT) I e II, que aliada à oferta barata de terra favoreceu o crescimento populacional na região (CAMPOS JR., 2009, p. 72).

9 Segundo dados da COHAB-ES e INOCOOP-ES, extraídos de Campos Jr. (2009), entre 1970 e 1990 foram financiados um total de 52.038 unidades habitacionais, sendo que 28.848 foram concentradas apenas na Serra, seguida de Vila Velha com 14.426, Vitória com 4.526, Viana com 2.270 e Cariacica com 1.968 unidades.

10 Principalmente BR 101 e ES 010, segundo ABE (1999, p. 384).

Ano	População	Pessoas não naturais do ES	Pessoas não Naturais do ES (%)	Estado de nascimento				
				MG (%)	BA (%)	RJ (%)	SP (%)	Outros (%)
1991	222.158	72.558	32,7	57,3	18,7	10,6	3,8	9,6
2000	321.181	103.081	32,1	49,5	27,1	9,8	4,1	9,5
2010	409.267	127.772	31,02	43,06	30,01	8,75	4,57	13,6

TABELA 1 - Pessoas residentes em Serra, não naturais do Espírito Santo, segundo o lugar de Nascimento 1991, 2000, 2010
Fonte: CASTIGLIONI, A. H. com dados do IBGE, Censos demográficos.

migrantes que buscam oportunidades – entre a inacessibilidade dos espaços previamente ocupados, uma vez que os migrantes não se adequavam ao perfil econômico já estabelecido; e à oferta de terra barata nas localidades circunvizinhas, que embora distantes do centro, era o mais perto que se podia obter, devido ao crescente fluxo migratório e urbanização (não acompanhado pelas políticas públicas e pelo assistencialismo do estado). O resultado pode ser verificado em áreas de segregação socioespacial, com reverberações respaldadas por alguns indicadores como renda, saúde, educação e criminalidade violenta¹¹.

Logo, ao analisar os dados disponíveis sobre fluxos migratórios no município serrano, verificou-se grande contingente populacional oriundo de outros estados. A tabela 1 apresenta dados relevantes.

Algumas observações são pertinentes referentes à tabela 1:

11 No presente estudo abordaremos apenas os homicídios.

- Os dados que tratam sobre estado de origem de pessoas não naturais são recentes. Sendo que, só a partir do Censo de 1991, realizado pelo IBGE, é possível a obtenção desses dados para análise. Dessa maneira, pode-se verificar que dos moradores da Serra, entre 31% e 33% não são naturais do Espírito Santo;
- Os dados disponíveis tratam apenas sobre naturais e não naturais do estado do Espírito Santo residentes no município serrano, não sendo possível identificar precisamente o quantitativo de não naturais da Serra (nascidos em outro município¹²). Dessa maneira, os fluxos migratórios interestaduais podem apenas ser inferidos a partir de outros dados¹³;

12 Deve-se considerar que muitos nascimentos ocorrem em cidades diversas à que os pais residem. O deslocamento dentro da Região Metropolitana se dá de maneira natural. Muitos estabelecimentos de saúde, como maternidades, situam-se nas regiões centrais da metrópole.

13 Como o crescimento populacional da Região Metropolitana da Grande Vitória no mesmo período,

3. A presença de migrantes de outros estados, bem representada por mineiros, que apesar do decréscimo das duas últimas décadas, no período de análise, constituem o maior percentual de migrantes; e por baianos, que vem apresentando crescimento considerável no mesmo período.

Apresentando o crescimento populacional vivenciado pela cidade da Serra, sendo grande parte decorrente de fluxos migratórios associado aos programas industriais e de urbanização, caminha-se para o processo de metropolização, tendo Vitória como centro, e todo um adensamento populacional nas periferias desse centro. Serra abarcou grande parte desse contingente populacional atraído pelo estabelecimento desse novo tecido urbano. Consequentemente, novas relações dentro do espaço urbano vão surgir, reforçando que um crescimento abrupto, não planejado, traz consigo consequências.

Os efeitos da desigualdade e os homicídios

No processo de urbanização das cidades da RMGV, o município que mais sofreu impacto demográfico foi o da Serra, que apresentou um crescimento populacional de mais de 4350%,

com 1.136.842 habitantes em 1991, 1.438.596 em 2000 e 1.687.704 em 2010, apresentando crescimento percentual de 26,54% de aumento populacional de 1991 para 2000, e de 17,31% de 2000 para 2010. Já Carneiro, por meio de seu relatório temático de diagnóstico informa que percentual, apenas 12% nasceram na Serra (Serra: Agenda do Futuro 2012-2032).

entre os anos de 1960 a 2010. Nesse período, a cidade salta de 9.192 para 409.267 habitantes, sendo que desse percentual apenas 12% nasceram no município e 93% pertencem às classes C,D,E. (CARNEIRO, 2012, *apud* RODRIGUES, 2012, p. 27).

Nesse sentido, ao analisar o Cadúnico¹⁴, de 2009, verifica-se que haviam 77.460 pessoas cadastradas. Destes, 71,47% do Espírito Santo, e 28,53%, migrantes, dos quais, 12,31%, de baianos (9.532 pessoas), e 10,95%, de mineiros (8.478 pessoas). Em 2012, aproximadamente 25 mil famílias dependiam do Programa Bolsa Família, totalizando, quase 100 mil pessoas, no município.

Essa composição socioeconômica suscita grande demanda por serviços públicos: são 65 mil alunos atendidos na rede pública de ensino e 80% da população, que utilizam serviços de saúde pública (CARNEIRO, 2012). Em 2007, 80% da população jovem saídas do ensino fundamental da Serra não tinham vaga no ensino médio. Em 2012, essa situação se mantinha (RODRIGUES, 2012). A infraestrutura de atendimento às necessidades de educação da Serra conta com 128 escolas de ensino fundamental e 31 de ensino fundamental e médio. Já a de saúde, possui pouco mais que 40 postos de saúde¹⁵ e dois hospitais.

14 Cadastro Único, que funciona como instrumento para análise e inclusão nos programas sociais do Governo Federal. Identifica e define as famílias de baixa renda como aquelas que possuem renda mensal de até ½ salário mínimo por pessoa ou renda mensal de até 3 salários mínimos no total.

15 Distribuídas em 07 Unidades Regionais de Saúde, 02 de pronto-atendimento e 32 unidades básicas, estas, no entanto, funcionam apenas com marcação de consultas, acompanhamento de hipertensos e diabéticos, dentre outras atividades básicas. Há também uma maternidade. Segundo o Guia de Saúde divulgado pela prefeitura da Serra, existiam, em 2011, 510 médicos e 169 dentistas para

Além disso, a cidade também passou a conviver, a partir de 2007, com uma expansão imobiliária que começou a atrair grandes condomínios residenciais e moradores com perfil de renda mais elevado. Tal fato originou uma nova configuração de ocupação do território. Para Stocco (2012) a vinda desses moradores impôs diferentes desafios: a integração dos recém-chegados, dos velhos moradores e das diversidades socio-culturais e econômicas.

Há de se observar que, próximo dos condomínios voltados ao atendimento de classes mais altas existem bairros muito pobres, e alguns com alto índice de violência. A Serra possui oito dos bairros considerados mais violentos do Estado, dentre eles destacam-se Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Novo Horizonte, Jacaraípe e Planalto Serrano. O bairro Feu Rosa, inclusive, situa-se de frente a um condomínio de alto luxo.

Essas desigualdades socioeconômicas e socioespaciais apresentadas promovem efeitos que se expressam no aumento da criminalidade juvenil: o município está posicionado como um dos mais violentos¹⁶ do Brasil nos últimos anos. A cidade ganhou destaque e foi notícia, em 2005, pela revista Época¹⁷, a partir de dados fornecidos

atendimento público. Disponível em: <http://www.serra.es.gov.br/download/23222>. Acesso em 15 abr. 2014.

16 Ranking elaborado pelo IPEA, segundo a Revista Época. Ressalta-se ainda que entre os dez municípios mais violentos, três pertencem à Região Metropolitana da Grande Vitória. Serra em 1º, Cariacica em 3º e Vila Velha em 7º. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR69570-6014,00.html>. Acesso em 24 março 2014. Já em estudo realizado pelo IPEA, em 2010 o município da Serra caiu para a 3ª posição, entre cidades com mais de 300 mil habitantes.

17 Do Velho Oeste ao Paraíso. Época, Abr. 2005.

pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), como a mais violenta do Brasil. A taxa de homicídio naquele ano foi de 97,62 para cada 100 mil habitantes. Tal índice, extremamente elevado, remete aos diversos fatores, que sobrepostos favorecem a ocorrência de tantos homicídios.

Integrando o município em um contexto local e nacional é possível verificar algumas alterações. No Brasil, como no Espírito Santo, a principal causa de morte está relacionada a doenças do aparelho circulatório. No país, a segunda causa principal de morte são as neoplasias (tumores), seguida pelas causas externas¹⁸. No Espírito Santo, a segunda causa de morte se relaciona às causas externas e a terceira às neoplasias. Na Serra há uma escalada da violência: em 2010, 27,65% das mortes foram decorrentes de causas externas, seguida por doenças do aparelho respiratório, 26,24%, e neoplasias, com 16,15%. Dentro das mortes por causas externas, na Serra, o homicídio soma quase 64% do total.

Segundo Soares (2008, p. 29) o homicídio é um fenômeno estável, e, de certa maneira, previsível, sendo que suas taxas alteram pouco de um ano para o outro. O autor menciona que o índice acompanha, sensivelmente, a gradual mudança populacional, salvo em casos extremos. Nesse caso, dentre diversos fatores intervenientes, são destacadas as grandes migrações.

Embora seja mencionado, a partir de diversos estudos¹⁹, que a desigualdade de renda constitui fator para aumento do índice de homi-

18 Homicídios, suicídios e acidentes.

19 Braithwaite (1980), Krahn *et al* (1986), Lee; Bankston (1999) e Cutright; Briggs (1995) *apud* Soares (2008, p. 54-55).

cídios; no Brasil, segundo Soares (2008, p. 55), a desigualdade de renda é quase uma constante, não podendo servir de base para elaboração de teorias que expliquem o homicídio a partir dela²⁰. De fato, o que deve ser considerado é que a desigualdade econômica, ao lado dos índices de homicídio, constituem fatores a serem observados, a partir de um crescimento abrupto de algumas cidades. Ambos funcionam como consequências de fatores sobredeterminados como urbanização, industrialização e migração.

Quando relacionados aos indicadores de pobreza e exclusão, os índices de homicídios acompanham²¹ tal processo. Essa associação se faz dentro de um padrão de georreferenciamento, em que há concentração de homicídios nos locais onde há concentração de pobreza. Tais incidentes ocorrem, quase exclusivamente, na periferia da capital. Tanto os que matam, quanto os que morrem, moram perto do local dos crimes²².

Dentro do campo das correlações é importante mencionar a relação de migração e homicídio. Notoriamente, pode ser observado, no caso da Região Metropolitana da Grande Vitória, e

em um recorte mais específico, no município da Serra, que a maior parte daqueles que migraram, ao longo dos anos 1960 até 1990, possuíam rendas mais baixas que a média estadual e nacional. Dessa maneira, verificou-se a construção de bolsões de pobreza e áreas periféricas fora do alcance das políticas públicas mais ativas no centro da Metrópole.

A medida que migrantes se deslocam para áreas não preparadas para receberem grandes fluxos populacionais, essas regiões veem seus poucos recursos, quando possuem, se esgotarem. Segundo Soares (2008, p. 78-79), essas migrações, em uma perspectiva macro, sobrecarregam os recursos da área em dois tipos que se distinguem: a *absoluta*, quando a área não atende à demanda com seus recursos, dessa maneira a região metropolitana tende a estender-se para alcançar novos recursos²³; e a *temporária*, a “cidade” não possui capacidade para atender à demanda, situação que tende a se corrigir ao longo de algumas décadas, como exemplo da educação e saúde.

Os desdobramentos decorrentes desses processos são diversos; dentro mesmo de um aglomerado de pessoas pode ocorrer rejeição dos que chegaram por último em relação aos migrantes mais recentes²⁴. Dessa maneira, as relações entre as pessoas sofrem constante tensão; a diminuição ou ausência de privacidade expõem a intimidade

de cada pessoa a estranhos. Aqueles que mesmo sem a presença do Estado buscam seguir as leis e costumes são vistos como “certinhos”, ao passo que, também, tal tensão faz prosperar a competitividade e surgimento de novas figuras de autoridades e novas relações de poder, fora da intervenção do poder público (SOARES, 2008, p. 80).

Em um estudo produzido no estado do Rio de Janeiro²⁵, relacionando migrantes inter e intra-estaduais, ficou constatado que os migrantes intraestaduais possuem uma relação com os índices de homicídios, fato que não pode ser constatado com os nascidos fora do estado. Tal argumento respalda uma resposta ao desenvolvimento de estereótipos, que busca rotular os migrantes como causadores de problemas (SILVA, 2013).

Entretanto, não se pode negar a relação entre migração e homicídios.

A única conclusão correta é que a migração aumenta a taxa de homicídios no município. Isso não quer dizer que são os migrantes que matam, nem que são os migrantes que morrem” (SOARES, 2008, p. 82).

Tal vínculo não deve ser interpretado linearmente, como causa e efeito, mas dentro de uma problemática da sobredeterminação, que produz múltiplos efeitos (ÂUGÉ, 2010). Outro fator que deve ser considerado na relação entre migração e homicídio é que os migrantes de ontem tornaram-se pais hoje de muitos que são nascidos no município. Ao remontar esse processo, torna-se praticamente impossível elaborar um estudo preciso, já que a mobilidade humana é uma constante, e todos nós, de alguma maneira, descendemos em algum momento de migrantes.

Verifica-se, ao analisar o gráfico 3, o aumento do número de homicídios no município. Vê-se

20 “Não se pode esperar encontrar uma relação entre desigualdade e homicídio no Brasil. (...) A ausência de relação é evidente, como seria de esperar quando se tem uma quase-constante tentando explicar uma tendência definida, seja crescente, seja decrescente, em outra variável” (SOARES, 2008, p. 63). Nesse ponto o autor argumenta não ser possível encontrar relação, de fato, se traçarmos uma relação linear entre causa e efeito, o estudo se basearia no estabelecimento de estereótipos. Nesse caso há de ter lógica no argumento do autor quando se trata de causa e efeito, mas dentro da problemática da sobredeterminação, dos dois processos, desigualdade e homicídios, estão conectados.

21 Barata et al(1998) apud Soares (2008, p. 76).

22 Chamado de “localismo” por Soares (2008, p. 78).

23 O autor menciona o exemplo da água. No caso da Região Metropolitana da Grande Vitória podemos verificar a própria oferta de solo, de lugar para habitação. Ao longo dos anos 1970 e 1980 as regiões centrais, representadas pela orla de Vila Velha e grande parte da Capital, se tornaram inacessíveis aos migrantes, tendo estes se deslocado, principalmente para Serra e Cariacica.

24 Ver Elias, (2000) e Dadalto e Barros (2013).

25 Soares, 2008, p. 81-83.

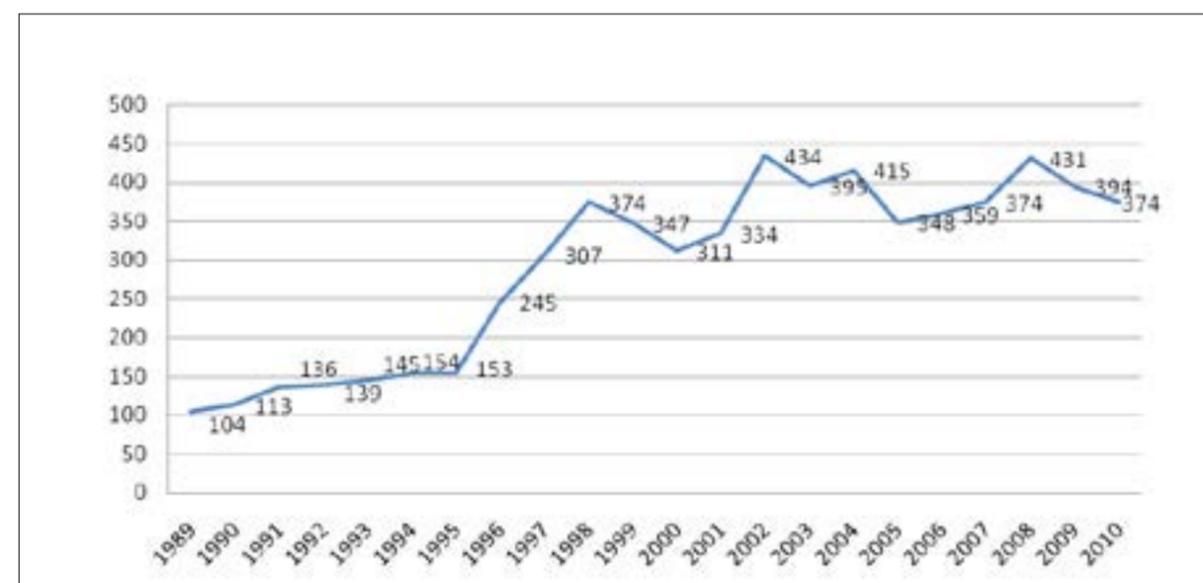


GRÁFICO 3 – Números absolutos dos homicídios no município da Serra de 1989 a 2010. Fonte: Ciodes; GEAC/ SESP.

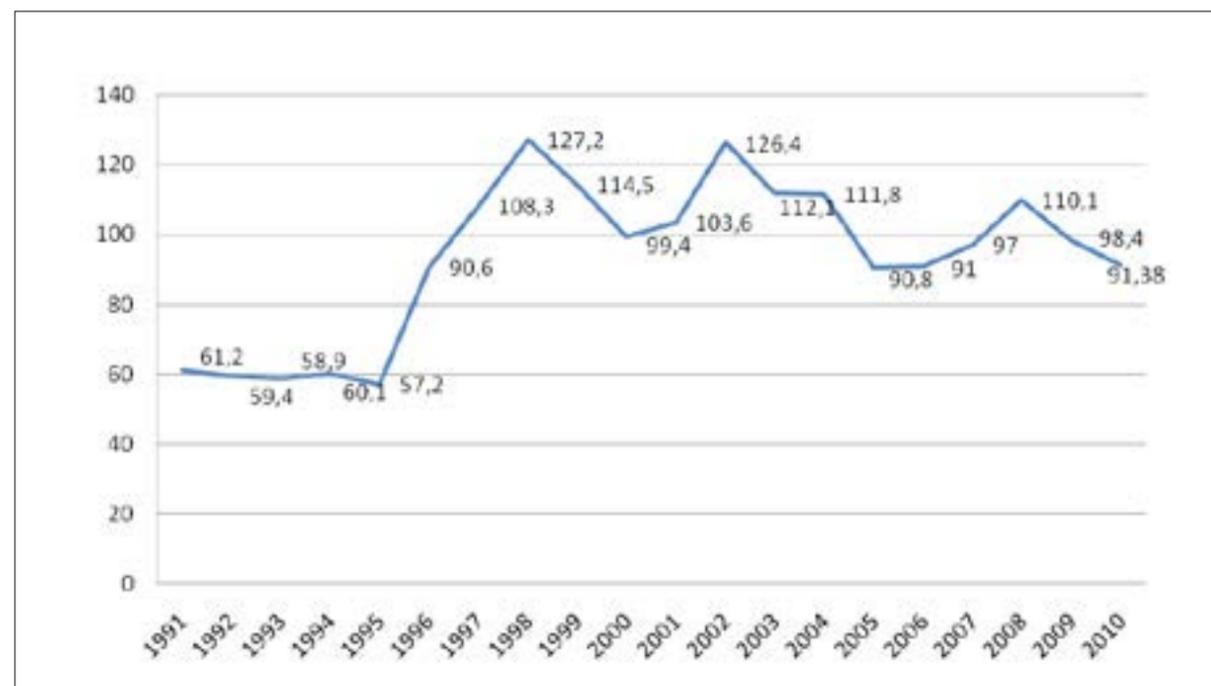


GRÁFICO 4 – Taxa de homicídios para cada 100 mil habitantes no município da Serra de 1991 a 2010.

Fonte: Ciodes; GEAC/ SESP (Centro Integrado Operacional de Defesa Social. Os dados até 2005 foram obtidos no Ciodes. De 2006 até 2010 foram obtidos junto à Gerência de Estatística e Análise Criminal, GEAC/ SESP).

que, no período 1989-1995, há certa constância, com aumento paulatino. A partir de 1996, tem-se um aumento abrupto na quantidade de homicídios, e de 1996 até 2010, os números oscilam dentro de certo padrão.

Importante, também, analisar não apenas o número de homicídios de forma absoluta, mas na taxa para cada 100 mil habitantes: a taxa de homicídios “recomendada” pela Organização das Nações Unidas é de 10 para cada 100 mil habitantes. Veem-se, na Serra, períodos, conforme gráfico 4, em que a taxa ultrapassa o esperado pela ONU em mais de 10 vezes. Em 2005, segundo dados do IPEA, a Serra era o município com maior número de homicídios. No Brasil²⁶, em 2012, há

²⁶ Há certa discrepância nos dados, no entanto, ainda

sensível alteração no ranking, com o município caindo para 3ª colocação de cidades com mais de 300 mil habitantes.

Quando comparado, conforme gráfico 5, com as taxas da RMGV, Espírito Santo e Brasil, observa-se que de fato os índices no município são elevados e que esse quantitativo colabora para o aumento das taxas na RMGV e Espírito Santo.

Mattos (2010, p. 258) relaciona que a interação dos processos de industrialização, urbanização e migração favorecem o aumento da “precariedade da vida urbana”. O não acesso às políticas de inclusão, principalmente dos jovens, constitui

com as divergências numéricas, Serra apresentou índices altíssimos. Ver WAISELFSZ, (2011, 2013). Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 16 abr. 2014.

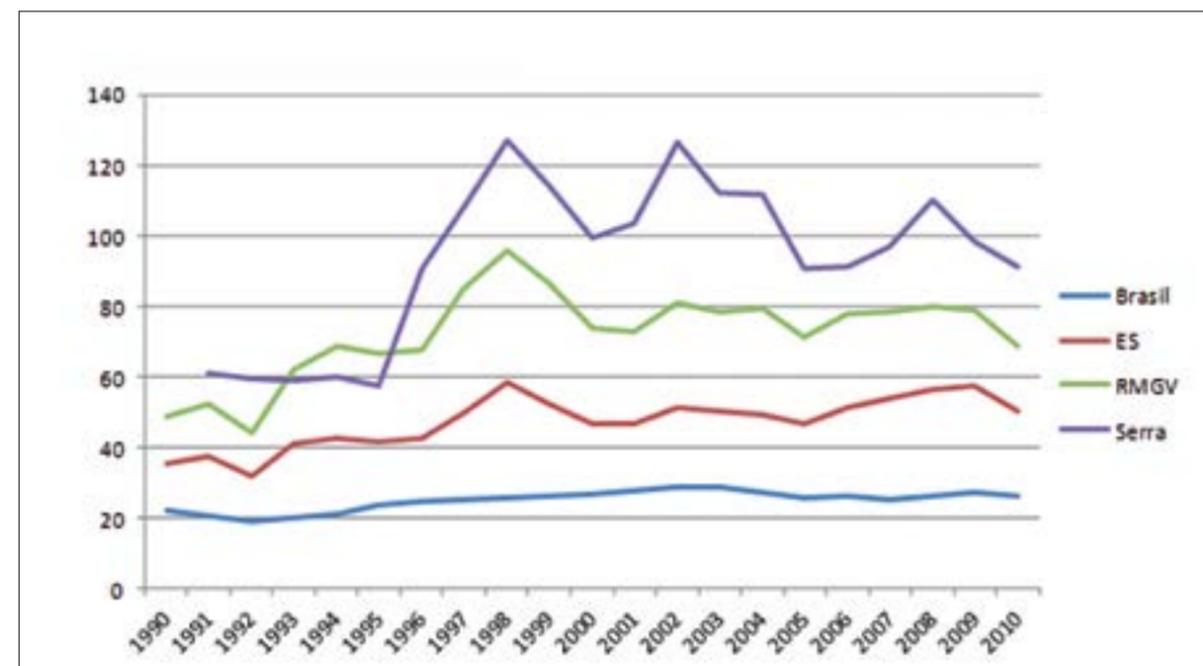


GRÁFICO 5 – Taxa de homicídios para cada 100 mil habitantes no Brasil, Espírito Santo, Região Metropolitana da Grande Vitória e Serra, no período de 1991 a 2010. Exceto Serra, que inicia em 1991. Fonte: SIM/ SVS/ MS. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_es.pdf>. Acesso em 20 fev. 2015.

um fator de risco social a ser considerado. A mesma direção é apontada por Adorno (2002, p. 101), ao considerar os altos índices de criminalidade, a partir da constante desigualdade social e segregação urbana²⁷, embora com ressalvas na relação direta entre pobreza e criminalidade.

Nesse bojo, o perfil das vítimas de homicídios e de seus autores é semelhante: jovens do sexo masculino, pardos, entre 15 e 29 anos, pertencentes às classes com baixa renda²⁸. Tal dado

²⁷ Adorno apresenta uma perspectiva diferente da de Soares. Este, conforme mencionado, discorda da relação entre pobreza e homicídio, já aquele relaciona a pobreza ao homicídio a partir de análise estrutural dos efeitos do capitalismo (ADORNO, 2002, p. 108), ou seja, tanto a pobreza quanto o homicídio constituem efeitos.

²⁸ Pesquisa de vitimização realizada pelo Núcleo de Es-

se torna preocupante face à demanda exigida do estado, voltada para políticas públicas de inclusão social. Não só os dados relacionados ao perfil dos envolvidos com o homicídio se tornam preocupantes, mas também com a concentração do índice em bairros específicos. Na Figura 2 (página seguinte), apesar de apontar os bairros em que ocorreram os homicídios, em 2000, é possível verificar pouca alteração nesses locais ao longo de 10 anos.

O município possuía, em 2010, 124 bairros. Dentre eles se destacam os cinco mais populosos, segundo a prefeitura do município: Feu Rosa (19.532 habitantes), Vila Nova de Colares (17.015 habitantes), Planalto Serrano (15.495 habitantes),

tudos e Pesquisas Indiciárias em 2008.

tas, por vezes, embora próximas de condomínios de luxo.

Aduz-se que o crescimento populacional abrupto experienciado gerou uma série de problemas urbanos, que se multiplicaram com o tempo e a ausência de políticas públicas do Estado. Vê-se que esse crescimento relacionado aos grandes projetos industriais não levou em conta os impactos sociais, econômicos e espaciais decorrentes. Dessa forma, a população vai se estendendo para espaços além da presença do poder público, proporcionando aparecimento de áreas periféricas, sem qualquer infraestrutura. Essa construção amplia a segregação e desigualdade socioeconômica, marginalizando parte da população residente em tais áreas.

Nota-se que nesse decurso as transformações se estenderam em diversas áreas. A transição da economia agroexportadora para industrial observada no Espírito Santo foi paralela à do país, seguindo o ritmo da economia global. A Serra serviu para alocação de indústrias em seu espaço, juntando trabalhadores, que nessa transição, agregará mais pessoas inseridas no terceiro setor. Tal fator também colabora, consideravelmente, para ampliação da desigualdade socioeconômica.

Ressalta-se, ainda, que as áreas segregadas espacialmente o são, também, pela construção dos espaços de violência. Embora ainda se verifique uma segregação espacial periferia e centro, comum no processo de crescimento urbano-industrial, até a década de 1980 é mais comum observar a redução dessa distância, embora a segregação tenha sido ampliada. As diferentes classes sociais se aproximaram geograficamente, são vizinhas, embora altos mu-

ros construídos no entorno dos condomínios representem essa separação social.

São essas áreas segregadas que concentram maiores índices de homicídios. E por questão de segurança, sob um discurso que dissemina uma cultura de medo, mais muros, grades e seguranças são postos. Essas construções trazem, por conseguinte, a ampliação da desigualdade socioeconômica. Dessa forma, é possível verificar que, de um lado, evidentemente há crescimento, fomento da cidadania, ampliação do bem-estar social, mas do outro – lado do muro – vê-se constante distanciamento, segregação e criminalização.

Referências

- ABE, André Tomoyuki. *Grande Vitória, E.S.: crescimento e metropolização*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1999.
- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, jul./dez., p. 84-135, 2002.
- AUGÊ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. São Paulo; Alagoas, Unesp; Ufal, 2010.
- BAENINGER, Rosana. Novos espaços da migração no Brasil: anos 80 e 90. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000, Caxambu. *Anais...* Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/NovosEspa%C3%A7osdaimigra%C3%A7aonoBrasilAnos80e90.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2014.
- BAVIERA, Teresa da. *Viagem pelo Espírito Santo (1888): Viagem pelos trópicos brasileiros*. Tradução e notas de Sara Baldus. Organização e notas de Julio Bentivoglio. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013. Título original: *Meine reise in den brasilianischen tropen*.
- BORGES, Clério J. *História da Serra*. 3. ed. Serra: CTC, 2009.
- BRITO, F. Brasil, final de século: transição para um novo padrão migratório? In: CALEIAL, A. N. (Org.) *Transições migratórias*. Fortaleza: Ed. IPLANCE, 2002. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20s%C3%A9culo%20-%20A%20Transi%C3%A7%C3%A3o%20Para%20Um....pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2014.
- BRITO, F.; HORTA, C.; AMARAL, E. F. de L. *A urbanização recente no*

Brasil e as aglomerações metropolitanas. Cedeplar - IUSSP, 2002. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/A_urbanizacao_no_brasil.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2014.

BUFFON, José Antônio. *O café e a urbanização no Espírito Santo: aspectos econômicos e demográficos de uma agricultura familiar*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade de Campinas. Campinas, 1992.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

CAMPOS JR, Carlos T. de.; GONÇALVES, Thalimar M. Produção do espaço urbano da Serra – Espírito Santo: estratégias recentes da construção imobiliária. *Mercator*, Fortaleza, v. 8, n. 17, p. 69-78, set./dez. 2009.

CARNEIRO, Teresa C. J. *Serra: Agenda do Futuro 2012-2032*. (Relatório temático de diagnóstico). Não publicado.

CASTIGLIONI, Aurélia H. *Migration, urbanisation et développement: lecas de l'Espírito Santo*. Bruxelles: CIACO, 1989.

CASTIGLIONI, Aurélia H. Processo de crescimento da Grande Vitória. *Revista do Instituto Jones dos Santos Neves*. Vitória, v. 7, n. 1, p. 9-10, dez. 1994.

CLEMENTE, Isabel. Do Velho Oeste ao Paraíso. *Época*, São Paulo, n. 359, p. 74-82, Abr. 2005.

DADALTO, Maria Cristina; RODRIGUES, Márcia B. F. Migração e violência: o “baiano” na construção da sujeição criminal na RMGV do Espírito Santo. *Dilemas*, UFRJ: Rio de Janeiro v. 7, n. 1, p. 143-166, 2013. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-7-1-Art7.pdf>>. Acesso em 28 março 2014.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Assembléia Legislativa. *Lei complementar 204 de 21 de junho de 2001*. Institui a Região Metropolitana da Grande Vitória. Disponível em: <http://www.al.es.gov.br/antigo_portal_ales/images/leis/html/LC204.html>. Acesso em: 22 mar. 2014.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria do Planejamento. Departamento de Informações Técnicas. *Espírito Santo: crescimento e desigualdade social, análise introdutória de alguns dados da pesquisa sócio-econômica 1977*. Vitória, 1979.

FORTUNATO, Daniëlle de O. B. Uma análise do Espírito Santo à luz do processo de implantação dos grandes projetos. *Dimensões*, Vitória, v. 2, p. 40-62, 2012.

GEAC – Gerência de Estatística e Análise Criminal. (geac.sesp.es@gmail.com). *Taxa de homicídios no Espírito Santo de 2010 a 2013* [planilha em Excel]. Mensagem recebida por madujazz@hotmail.com em 10 abr. 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População urbana e rural*. Características da população – Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico - sinopse: estatísticas da população*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves. *Demografia. Indicadores socioeconômicos do Espírito Santo*. PNAD 2009. Vitória, 2011. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/851_ijsn_nt21.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2013. (Nota técnica n. 21).

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MATTOS, Rossana F. da S. Segregação socioespacial e violência urbana na região metropolitana da Grande Vitória. *Dimensões*, Vitória, v. 25, p. 249-265, 2010.

OLIVEIRA, José T. de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. (colecção Canaã, vol. 8).

RODRIGUES, Márcia B. F.; REIS, Leonardo M. dos. Industrialização, urbanização e os impactos negativos: a violência urbana no município da Serra no Espírito Santo, Brasil (2005-2008). *Preleção*, Vitória, n. 9, p. 77-108, Abr. 2011.

RODRIGUES, Márcia B. F. (Coord.). *Pesquisa de vitimização*. Relatório final. Vitória: NEI/FCAA, 2008. (Consórcio Intermunicipal de Prevenção da Violência e da Criminalidade da Região da Grande Vitória/ ES). Disponível em: <http://www.nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/PESQUISA%20VITIMIZA%C3%87%C3%83O%20RGV-ES_2008_RELATORIO_FINAL.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2014.

RODRIGUES, Márcia B. F. *Serra: Agenda do futuro 2012-2032*. Serra com segurança. Vitória: FCAA, 2012. 54 f. (Relatório temático de diagnóstico). Não publicado.

SILVA, Madson G. da. O problema são os outros. *Sinais*, Vitória, n. 14, p. 102-118, Dez. 2013.

SIQUEIRA, Maria da Penha S. *Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da grande Vitória 1950-1980*. Vitória: Edufes, 2001.

SOARES, Gláucio A. D. *Não matará: desenvolvimento, desigualdade e homicídios*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

STOCCO, Aline F. *Serra: Agenda do Futuro 2012-2032*. Plano Estratégico da Serra 2012-2032. Caracterização da expansão imobiliária a partir de 2006. (Relatório temático de diagnóstico). Não publicado.

WASELFSZ, Julio Jacob. *Mapa da Violência 2012. Os novos padrões da violência homicida no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 16 abr. 2014.

WASELFSZ, Julio Jacob. *Homicídios e Juventude no Brasil. Mapa da Violência 2013*. Brasília, 201e. Disponível em: <www.juventude.org.br>. Acesso em: 16 abr. 2014.

Recebido em: 14.10.2016

Aprovado em: 20.12.2016